

Montebelo Vista Alegre Ílhavo Hotel

VIAGEM AO PASSADO

O Local

O lugar hoje designado de Vista Alegre, designação que a inscrição na Fonte do Carapichel elude para a beleza da envolvente natural, muito marcada pela vegetação e pela ria. O acesso hoje facilitado pelas acessibilidades da A25, A17 e N109, fazia-se, no tempo da Quinta da Vista Alegre e da Quinta da Ermida, por três vias: a estrada das Oliveiras, que fazia a ligação a Norte e a Ílhavo, o caminho de Vagos, pela Gafanha, percurso que atravessava a ria a oeste e o caminho para a Ermida, percurso que cruzava as duas quintas e que é a base da actual estrada dos Álamos. Cada um destes acessos era pontuado por um elemento que marca a entrada no território da Vista Alegre. Na estrada das Oliveiras ainda hoje podemos admirar um imponente arco, réplica do construído em 1852, a propósito da visita de el-rei consorte D. Fernando II. No percurso da Ermida, que actualmente cruza a estrada nacional 109, uma fonte que marca a esquina da entrada e, finalmente, o percurso que vinha de Vagos e da Gafanha que é marcado pela ria e pela existência, nesses tempos iniciais, da ponte construída nos anos 30 do século XIX. Ponte que desapareceria pouco depois, criando um interregno, de passagem apenas por barcas, até ao último quartel do século XX, altura em que foi reconstruída dando lugar à actual ponte de madeira.

A Ponte

A localização da Vista Alegre foi também marcada pelo fácil acesso que o território tinha pela proximidade da ria. As águas eram as estradas da altura, eram elas as principias vias de comunicação para transporte de matérias-primas e produtos. Logo nos primeiros anos de actividade para melhorar o acesso à outra margem do rio Boco, José Ferreira Pinto Basto, em 1835 manda construir uma ponte que duraria poucos anos, destruída por um vendaval. Ainda hoje, em alturas de maré vazia, se podem perceber no local algumas estacas da antiga ponte que se situava ligeiramente a montante da actual ponte. A antiga ponte estava no enfiamento da Casa do Rio, ainda hoje existente na margem da Vista Alegre, a montante da ponte nova no início da Estrada de Ponte. Com o desaparecimento da antiga ponte, em meados do século XIX, o sistema de transporte e travessia regressaria às antigas barcas, que seriam único recurso até ao pós 25 de Abril, quando foi construída a actual ponte de madeira, suportada em estacaria também de madeira. Esta nova ponte deveu-se à iniciativa de um operário da Vista Alegre, João André Patoilo que, em 1974, logo a seguir ao 25 de Abril, lançou um abaixo-assinado a reclamar a construção de uma ponte de ligação entre as Gafanhas e a Vista Alegre. Recolhidas cerca de 600 assinaturas, este documento foi entregues à Comissão Dinamizadora do MFA numa sessão realizada no Teatro da Vista Alegre em Dezembro de 1974. Um ano depois o assunto foi de novo ressuscitado mas só em 1977 seria de novo revitalizado com a criação de uma comissão de populares, que realizaram uma quermesse com louça da Vista Alegre, associada a uma colecta, entre os trabalhadores da fábrica, que rendeu quase 350 contos (cerca de 1.700 euros), sendo que a nova ponte viria a custar perto de 1.200 contos (cerca de 6.000 euros). Com o desaparecimento da antiga ponte, em meados do século XIX, o sistema de transporte e a travessia regressaria às antigas e perigosas barcas, que seriam o único recurso até 6 de Janeiro de 1979, quando foi inaugurada a nova ponte em madeira. Naquele hiato de tempo a travessia era primeiro realizada com recurso a uma

barca, comandada pelo respectivo barqueiro para, mais tarde, com um pontão maior a que chamavam “mota” a barca passou a ser puxada por cordas a partir das margens. Em 2015, esta ponte construída por iniciativa popular, foi alvo de importantes trabalhos de renovação, sendo a débil estacaria de madeira existente, totalmente substituída por estacas de metal. A “renovada” ponte abriria ao público em 16 de Outubro de 2015, exactamente na mesma data da abertura do novo Hotel da Vista Alegre.

Nota: Na descrição dos acontecimentos, realizada em 19 de Março de 1979 pelo próprio José Ferreira Topete, este relata a curiosidade de o antigo barqueiro da travessia, João Maria Ribeiro Faustino, entretanto falecido, ter sido, por ironia do destino, o primeiro funeral a passar na nova ponte.

A Vista Alegre

O local de nascimento da Vista Alegre está integrado no sistema lagunar que, a partir do século XVI, passou a ser conhecido por Ria de Aveiro. No lugar da Ermida, a Sul, que foi vila e concelho até 1834 e a quem D. Manuel deu foral em 8 de Junho de 1514, houve um “praso”, cuja origem data de há séculos, onde se integrava uma grande Quinta, denominada o Paço da Ermida. Outra grande Quinta, a da Vista Alegre, onde já no século XVII, junto à capela existia uma edificação para habitação e também, mais próximo da ria, a Fonte do Carapichel. A Fonte com data de 1696 e a Capela, cujas obras estavam já em fase adiantada no ano 1697, devem ter ficado concluídas em 1699, data da morte do Bispo de Miranda, D. Manuel de Moura Manuel, cujos restos mortais foram para ali trasladados de Viseu, em 1706. Foi este Bispo que mandou erigir a Capela e a Fonte, que se constituem como edificações da Vista Alegre e chegaram até aos nossos dias.

A Fonte

Mandada construir em 1696, pelo bispo D. Manuel de Moura Manuel, para servir a quinta e a capela, foi reconstruída em 1920, pela administração da Fábrica Vista Alegre, altura em que já estava em estado de grande degradação. Começou originalmente por ser uma peça isolada mas com o desenvolvimento do bairro foi sendo absorvida pela construção e aquando do início das obras do hotel estava encravada entre edifícios de habitação. Está agora de novo libertada, num espaço próprio, tendo recuperado a sua secular dignidade e as suas principais infra-estruturas de adução estão hoje visíveis no tardo, para se perceber melhor o seu modo de funcionamento. O texto que integra no frontispício pode ter a explicação para a origem no nome Vista Alegre e foi alvo de várias transcrições, sendo mesmo referido que o próprio rei D. Pedro V, em visita ao local, se deu ao empenho de realizar a transcrição pessoal de todo o texto.

A fábrica e o Bairro

Na génese da fábrica existiam a Fonte e a Capela e algumas edificações junto a esta que seriam a base inicial para o arranque da actividade fabril em 1824. Em torno da fábrica e do seu desenvolvimento, cresceu todo um bairro que ainda hoje é um complexo ímpar, pitoresco e de rara beleza. Em 1824, nasceu também um “laboratório chimico”, em 1826 foi criado um “collegio com internato”, onde se ensinava para além dos misteres da fábrica, a instrução primária e música. Em 1825 nasceu o “teatro”

com a representação da comédia “O galego lorpa” e em 1851, após um incêndio que destruiu o edifício, o teatro foi renovado, com capacidade para 180 pessoas e inaugurado com as comédias “Um duelo em Campolide”, “O quarto de duas camas” e “Útil e agradável”. Em 1826, organizou-se uma “Phylarmonica” privativa da fábrica... E a fábrica e as suas actividades não pararam de crescer.

O Palácio

O chamado Palácio, ou Casa da Administração, tem a sua génese na construção existente no início do Século XIX, anexa à Capela. A actual Sala da Ermida e o contíguo Altar de Santa Bárbara contiguas à Sacristia datam desses primórdios. A Suite da Capela ainda hoje tem um balcão integrado na construção original da Capela e que tem uma vista privilegiada sobre o túmulo do Bispo de Miranda. O Palácio inicial é construído sobre a Sacristia e vai sofrer ao longo dos últimos dois séculos muitas e diversas obras de remodelação e ampliação, o que pode explicar a sua díspar organização de espaços.

O Hotel

Recuando quase dois séculos, aos primeiros dias de actividade da fábrica, as construções então localizadas na posição onde se integra hoje o actual hotel, eram, nessa altura, destinadas a depósito de matérias-primas. Mas, pouco tempo depois, a fábrica era ampliada e no local onde hoje são os espaços públicos do hotel, ficaria o depósito de louça de gesso e a oficina de serralharia e na zona do actual spa era, então, a oficina e armazém para preparação de materiais para fabrico da porcelana. Dessa fase podemos perceber a bonita arcada, então existente nesta frente, pelos belos desenhos que Victor Rousseau nos deixou, dessa época pioneira. No início do século XX, passaria para a zona de implantação do actual hotel a área de preparação de pasta e nasceria uma nova edificação junto à ria, destinada, na altura, a oficina de calcinação de gesso, precisamente no local onde hoje se situa um espaço de eventos do hotel, a denominada Casa do Boco. Em meados do século passado, novas reformulações no património edificado foram sendo realizadas, até que agora, numa reformulação total, o hotel ocupa a zona ribeirinha do complexo e mantém, em alguns locais, o testemunho visível de partes das anteriores construções, em memória de um glorioso passado.